

44º

Festival de Brasília do Cinema Brasileiro



## O canto das guerreiras

**TRIO DE ESTREANTES EM LONGA-METRAGEM ABRE A MOSTRA COMPETITIVA DO FESTIVAL DE BRASÍLIA COM O DOCUMENTÁRIO AS HIPER MULHERES. O FILME REGISTRA UM RITUAL FEMININO NO ALTO XINGU QUE NÃO OCORRIA DESDE 1982**

» RICARDO DAEHN

Houve um momento em que, no meio dos elementos do “outro planeta” chamado Alto Xingu, Leonardo Sette, um dos três diretores do documentário *As hiper mulheres*, caiu em torpor. “As câmeras estavam lá, na praça central da aldeia onde acontecia um ritual faraônico, e me perguntei: ‘Cadê o filme aqui? Vou montar uma aventura como o *Corra Lola, corra* e não uma fita que tenha algo de Robert Flaherty”, diverte-se ele, numa referência ao cineasta que fundou uma escola atenta às relações entre os humanos e a natureza.

Superadas as dificuldades, Sette, ao lado do colega Takumã Kuikuro (cineasta saído do povo indígena Kuikuro), completou a obra, que dá a partida na competição do 44º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, hoje, no Cine Brasília. Exibido no Festival de Gramado em agosto, *As hiper mulheres* é definido pelo terceiro diretor, o antropólogo Carlos Fausto, como “um filme sobre música, memória e transmissão do conhecimento, que passa pelo afeto das relações pessoais”.

“Foi uma operação de tentar desconstruir e envolver — começar naquilo pequeno, no cotidiano dos índios. Se entrássemos logo com uma monumental sequência de dança, as pessoas iam dizer: ‘Ah, tá, filme de índio? Não, vira um mantra e eu tô fora”, completa Sette.

Ciente da resistência do público a produções etnográficas ou que supracontextualizem o tema, o trio tem o olhar sintetizado pela visão de Fausto: “Filmes que tenham índios como personagens ficam num nicho restrito: ninguém vê. Há duas correntes, em geral: uma atitude é encantada — ‘índio, natureza, harmonia? Que lindo, que bacana!’ — e a outra associa o

filme a atraso e a algo que não queira ver”. É por outra via — “fruto de um longo trabalho que conquistou a intimidade e a liberdade dos indígenas diante da câmera” —, portanto, que *As hiper mulheres* chegou às telas.

Produto de uma política de Estado, pelo incentivo à valorização de patrimônio imaterial (o canto das mulheres Kuikuro), o longa derivou do projeto *Vídeo nas aldeias*, implantado em 1987 pelo diretor Vincent Carelli. O ritual capturado no Mato Grosso para o filme não ocorria desde 1982.

O contato com a contemporaneidade no documentário detido nos festejos — que culminam em menos de um dia (mas que exigem mais de 30 dias de prelúdio) e reúnem mais de 1.400 pessoas — transparece de modo surpreendente: há registros de divertidos jogos eróticos, na tribo, e a “sacanagem” também alcança parte das lendas que enveredam para o cômico — longe “do pudor e da distância”, segundo Sette, empregada nas legendas de outros documentários.

### Tradição convalescente

A dramaturgia de *As hiper mulheres* se fortaleceu, num impasse oferecido pelo acaso: adoentada, Kanu é uma espécie de guardiã das músicas entoadas no maior ritual feminino Kuikuro, o Jamurikumalu (relacionado ao termo itão kuëgü, mulher e hiper, pela ordem, designador de seres extraordinários), à beira do precipício, diante do escasso número de conhecedoras.

“As mulheres são a própria essência do filme. O ritual defendido tematiza uma espécie de utopia feminina de ocupar também a posição masculina, numa situação de conflito. Elas acabam demonstrando que uma sociedade não é possível sem homens e mulheres”, comenta o diretor Carlos Fausto.

No cenário onde vivem — em três aldeias estão 700 kuikuros —, curiosamente, as mulheres ainda tendem a não empregar a língua portuguesa.

Saber que o acervo de cantos foi constituído por 130 horas de músicas gravadas (à capela e sem repetição) dá a medida da revitalização cultural em jogo em *As hiper mulheres*. Para tornar tudo ainda mais complexo, o aprendizado, na tradição oral, tem que seguir métrica preestabelecida e organizada em nós, feitos em palhas de buriti.

Em quase 100 horas de imagens, o entrosamento do trio de diretores com as mulheres da tribo foi privilegiado. “É difícil eu chegar perto delas. Na aldeia, se fica perto da mulher, pensam que a gente tá namorando”, observa Takumã. Ele explica que o processo, grosso modo, foi o de “ficar filmando, e deixar eles (os índios) agirem naturalmente, pra não ficar um documentário, assim, falso”.

“Nem tudo é verdade no filme, mas tudo é verdadeiro. A câmera estar, permanentemente, na mão deles permite resultados impossíveis para quem não seja do Xingu”, completa Carlos Fausto. Apesar de algumas encenações (sem diálogos impostos, mas esboçados pelos “personagens de si mesmos”), o antropólogo conta que tudo foi muito autêntico. “Não tivemos treinamento de atores, a maior parte do documentário segue a linha stricto sensu (em sentido restrito)”, conta.

Arredias para tomarem parte nos meandros técnicos, as índias se animaram diante do resultado obtido. Termômetro para as reações, Takumã explica que “no começo elas se acharam feias, mas foi brincadeira — na verdade, elas estão gostando muito. Elas têm o pensamento da maioria, por terem participado do filme. Dizem: ‘A gente não vai morrer mais, a gente vai sobreviver, o tempo todo’”.

### CURTAS DA NOITE

**SER TÃO CINZENTO** (BA, 25min)  
De Henrique Dantas. O diretor do longa *Filhos de João*, admirável mundo novo baiano reconstrói, em fita documental, uma produção que traz à tona memórias afetivas relacionadas ao filme *Manhã cinzenta*, que, feito por Olney São Paulo, há 40 anos, criou impasse com a ditadura.



**A FÁBRICA** (PR, 15min) (foto)  
De Aly Muritiba. A partir de roteiro de autoria própria, o cineasta baiano Aly Muritiba investe na ficção que propõe um desafio para a mãe de um presidiário: levar um celular para o filho.

### ANIMAÇÕES

**CÊU, INFERNO E OUTRAS PARTES DO CORPO** (RS, 7min33)  
De Rodrigo John. Premiado como melhor curta no 39º Festival de Cinema de Gramado (com lãureas da crítica), o filme descreve um sofrimento canino decorrente das dores de amores.

**BOMTEMPO** (MG, 1min30)  
De Alexandre Dubiela. No primeiro curta produzido por ele, o cineasta acompanha uma epopeia climática que circunda um funcionário empenhado em chegar ao trabalho.

### DUAS PERGUNTAS // LEONARDO SETTE



#### Como os índios veem a apropriação da imagem deles?

Eles têm uma noção muito clara da representação midiática. Historicamente, o Alto Xingu tem uma exuberância que foi captada pelos irmãos Villas-Boas e esteve muito na mídia: o Kuarup, por exemplo, virou até uma série cultuada na TV Manchete. Antes, no nosso processo, tinha aquilo do ‘você são brancos, por que vão nos filmar?’. Se, antigamente, rolava um consenso geral de

que era feio ficar aparecendo televisão e bicicleta na aldeia, nos surpreendemos pelo quanto estavam mais relaxados com a imagem real. Antes, eles tinham isso de ‘tira a sandália, tira o relógio’, na hora de ir filmar. Foi interessante ver a descontração deles de estarem na câmera à paisana, agora. Não precisamos trabalhar isso com eles: a naturalidade já estava lá.

#### Qual a importância de exibir o filme

#### na capital e qual o seu grau de engajamento político?

Meu maior prazer foi o de fazer um filme que considerasse bom. Muito mais do que o prazer cívico, social, de ajudar a preservar um povo. Eles se reconhecem, têm orgulho de estar no filme. Isso é fundamental. Se para a gente, como cineasta, é importante marcar presença em Brasília, para os índios, é bem mais. Passar o filme aqui, para o povo Kuikuro, chega a ser algo assustador.

### 44º FESTIVAL DE BRASÍLIA

Hoje, às 20h30, no Cine Brasília (106/107 Sul). Ingressos: R\$ 6 e R\$ 3 (meia). Exibição simultânea dos filmes no Teatro Sesc Newton Rossi, na QNN 27 de Ceilândia; no Teatro de Sobradinho (Q. 12); e no Cinemark Taguatinga Shopping (Q. 1). Ingressos: R\$ 4 e R\$ 2 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos.

[www.correiobrasiliense.com.br](http://www.correiobrasiliense.com.br)



Acesse o hot site do Festival de Brasília.

